

A morte de Dona Marisa Letícia na Revista Veja: reflexões sobre a capa e imagem da reportagem de capa da edição 2350

Michele Negrini e Bibiana de Moraes Dias

Michele Negrini

Universidade Federal de Pelotas – Pelotas, RS, Brasil.
E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.
ORCID: 0000-0003-2999-0186

Bibiana de Moraes Dias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: bibianamdias@gmail.com.
ORCID: 0000-0003-0074-4184

Resumo: A capa e a imagem principal da reportagem de capa da revista Veja, edição 2530, de 17 de maio de 2017, são o foco deste estudo, que busca compreender, através de uma análise semiótica, o modo de a revista narrar a vida da ex-primeira dama, Marisa Letícia Lula da Silva, a partir de sua morte, e a forma como há remissão da morte com envolvimento políticos do seu marido, o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. Tomamos como suporte teórico-metodológico olhares da semiótica.

Palavras-chave: Morte; Marisa Letícia; Semiótica; Revista Veja.

The death of Dona Marisa Letícia in the Veja Magazine: reflections on the cover story and picture of issue 2350

Abstract: The cover and the main picture of the cover story of *Veja* magazine, issue 2350, of May 17, 2017, are the focus of this study, which seeks to understand, through a semiotic analysis, the magazine's way of narrating the life of the former first lady, Marisa Letícia Lula da Silva, from her death, and the manner in which there is remission of the death with political involvements of her husband, ex-president Luis Inácio Lula da Silva. We employ semiotic approaches as theoretical-methodological support.

Keywords: Death; Marisa Letícia; Semiotics; *Veja* Magazine.

La muerte de Doña Marisa Letícia en la Revista *Veja*: reflexiones sobre la portada e imagen del reportaje de portada de la edición 2350

Resumen: La portada y la imagen principal del reportaje de portada de la revista *Veja*, edición 2350, de 17 de mayo de 2017, son el foco de este estudio, que busca comprender, a través de un análisis semiótico, el modo que la revista narra la vida de la ex primera dama Marisa Letícia Lula da Silva, a partir de su muerte, y la forma en que hay remisión de la muerte con implicaciones políticas de su marido, el ex presidente Luís Inácio Lula da Silva. Tomamos como soporte teórico y metodológico los enfoques de la semiótica.

Palabras clave: Muerte; Marisa Letícia; Semiótica; *Revista Veja*.

Aspectos introdutórios¹

A morte é uma temática constante no espaço dos meios de comunicação e o falecimento de pessoas famosas se mostra como um subsídio para a delimitação de pautas jornalísticas e para a tessitura de narrativas voltadas à construção de biografias. Os obituários permeiam as construções narrativas dos mais diversos dispositivos comunicacionais e adentram na perspectiva de perpetuação de memória. Tratando-se de mortes de pessoas com imbricações ao meio político, o assunto pode ir além da construção de relatos biográficos e adentrar na seara de construções discursivas mais complexas.

Ao falarmos da morte de Dona Marisa Letícia, que foi primeira dama do Brasil no período de 2003 a 2010 e que faleceu no dia 3 de fevereiro de 2017 em decorrência de um acidente vascular cerebral, fazemos aferição a um assunto que foi abordado, de formas distintas, nas mais diversas mídias. Interessa-nos, no exercício reflexivo, adentrar na observação da narrativa que a revista *Veja* constrói em relação à morte da ex-primeira dama. A Capa de *Veja*, edição 2530, de 17 de maio de 2017, se mostra como profícua para reflexões por adentrar na temática do fim da vida de dona Marisa e por fazer remissões ao meio político. Da mesma forma, a imagem principal da reportagem alusiva à capa tem elementos pertinentes e intrigantes para estudos e para ponderações. Sobre a importância da capa, vale resgatar o pensamento de Cappelari e Negrini (2016, p.106):

Geralmente, o primeiro contato do leitor é com a capa, e é a partir dela que se desperta o interesse pelo conteúdo interno. Em alguns casos, a leitura de uma revista se restringe somente a este elemento inicial, porque comumente os veículos de comunicação divulgam suas capas na internet e, também, outro fator que contribui para essa leitura restrita está associado à forma de exposição da revista em pontos de venda. Sendo assim, muitas pessoas, mesmo não adquirindo o produto físico ou digital, realizam a leitura do texto e imagem presentes na capa.

A edição 2530, de 17 de maio de 2017, traz na capa sentidos que remetem à intersecção de dois assuntos polêmicos que são: a morte e a política. Em uma manchete destacada “A MORTE DUPLA”, a revista faz remissão ao falecimento de Dona Marisa e ao depoimento² de Luiz Inácio Lula da Silva – ex-presidente e seu marido –, ao então juiz Sérgio Moro³, que aconteceu no dia 10 do mesmo mês de publicação da edição em questão. O depoimento que o político, como réu, prestou a Sérgio Moro, em

¹ Este artigo faz parte de uma reflexão apresentada no Intercom Sul em 2019 (Dias; Negrini, 2019).

² De acordo com matéria do Portal G1 (2017), o ex-presidente Lula depôs, em 10 de maio de 2017, no contexto da operação Lava Jato, em processo ligado a um apartamento triplex, localizado na cidade de Guarujá, em São Paulo. Matéria da Folha de São Paulo aponta que Lula foi condenado, em 24 de janeiro de 2018, em segunda instância, por acusação de ter recebido propina da empreiteira OAS. De acordo com a matéria, o ex-presidente foi denunciado pelo Ministério Público Federal do Paraná pelo recebimento de propina relacionada a acordos do Partido dos Trabalhadores (PT) em contratos com a Petrobras. A quantia da propina, de acordo com a reportagem, era relacionada a um apartamento triplex no Guarujá, benfeitorias no apartamento, além de serviços de armazenamento e de transporte de acervo de propriedade do político em questão.

³ Sérgio Moro é “um ex-magistrado, escritor, professor universitário e ex-Ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil. Foi juiz federal da 13.^a Vara Criminal Federal de Curitiba e professor de direito processual penal na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em combate a crimes financeiros, lavagem de dinheiro e organização criminosa” (Brasil, 2019, s/p).

Curitiba, durou quase cinco horas e foi realizado sob a acusação de que o ex-presidente teria recebido R\$ 3,7 milhões de propinas oriundas da Petrobras (Veja, 2017a).

A observação de Veja foi imputada pela revista ser conhecida por ter um posicionamento polêmico em relação a fatos políticos e a assuntos que permeiam esta esfera. E, também, pela conjuntura de Veja ter um extenso retrospecto em coberturas políticas. Como aponta pesquisa apresentada por Biroli, Miguel e Mota (2011), a revista foi a primeira colocada, no ano de 1989, em número de publicações com pesquisas eleitorais:

Em 1989, as pesquisas estiveram associadas à afirmação do potencial de sucesso de Fernando Collor, até então desconhecido pelo eleitorado nacional. É elucidativo singularizar o comportamento da revista Veja, que já ocupava o posto de principal revista de informação nacional e desempenhou um papel relevante na projeção da liderança política de Collor. Nos quatro meses que antecederam o segundo turno de 1989, Veja sozinha divulgou pesquisas em 45 matérias, 20 das quais receberam chamada de capa. Sua concorrente IstoÉ divulgou apenas 13 pesquisas em 1989, com 9 chamadas de capa (Biroli; Miguel; Mota, 2011, p. 12-13).

Diversos momentos significativos da política brasileira e, também, escândalos ganharam destaques nas capas de Veja. E reiterando o seu perfil de veículo com afinidades com temas políticos, Capellari (2015) aponta que no dia 15 de novembro de 2013, o site de Veja (2015) publicou um vídeo com a chamada: “Relembre as denúncias que revelaram o escândalo do mensalão”. O vídeo trazia a informação de que o mensalão foi tema de 29 capas da revista. Capellari (2015) assinala ainda que há muitas polêmicas no cenário político que fizeram parte de reportagens e capas da revista Veja. E que, desde 1987 até 2014, pelo menos 66 escândalos foram matéria na revista Veja.

O posicionamento da revista em relação ao denominado “escândalo do Petrolão” pode começar a ser analisado a partir da seção que o veículo criou em seu site, denominada “Petrolão”, na qual são reunidas, em ordem cronológica, as notícias que abordam o tema. É possível perceber que a maioria das notícias presentes nesta seção é de autoria de um mesmo colunista: o jornalista Augusto Nunes. Com posicionamentos claros e abertos, utilização de imagens em que personagens vinculados ao Partido dos Trabalhadores (PT) ilustram sentimentos negativos e grande presença de adjetivos, muitas vezes, beirando a uma antiética jornalística, Augusto trata, em sua coluna, de temas políticos e, em sua maioria, relacionados ao PT, partido ao qual pertence o ex-presidente Lula.

Conforme citamos anteriormente, a maior parte das notícias publicadas pela revista Veja sobre o Petrolão são assinadas pelo jornalista em questão e, desta forma, todas elas acabam por possuir um teor bastante posicionado e contundente se levarmos em conta alguns preceitos básicos jornalísticos como aqueles citados por Traquina (2012): Liberdade, credibilidade, associação com a verdade, rigor, exatidão, honestidade, noção de equidistância e objetividade. Desta forma, a partir do constante posicionamento de Veja em relação a fatos de ordem da política e da polêmica capa da revista em relação à morte da ex-primeira dama, Marisa Letícia Lula da Silva, este estudo tem como foco observar a capa e a principal imagem da reportagem de capa da revista Veja, edição 2530, de 17 de maio de

2017, buscando entender o modo da revista narrar a vida da ex-primeira dama, Marisa Letícia Lula da Silva, a partir de sua morte, e a forma como há remissão da morte com envolvimento políticos de Lula.

Adentrando na seara da morte

Temos consciência de que a morte é um assunto repleto de complexidades e adentrar em sua seara é fazer remissão a um assunto com diversas interpretações. Ao falar sobre a morte, Dastur (2002) assinala que a relação dos seres humanos com a morte demarca a vida. Negrini (2010, p. 19) se apropria do pensamento de Dastur, que

salienta que o conhecimento que as pessoas apresentam do próprio fim é que torna possível a relação que os humanos têm com a própria mortalidade. O morrer não é apenas uma determinação exterior da existência, um acidente, mas um atributo essencial do homem. Para a pensadora, o conhecimento do homem acerca de sua finitude é tão fundamental para a sua essência como a linguagem, o pensamento e o riso, e a humanidade só alcança a consciência de si mesma através do enfrentamento da morte.

Ao dispensar olhares sobre a finitude humana, Edgar Morin (1988) avaliza a importância da consciência da morte entre os humanos e assinala que ela é ponto basal para a constituição deles. Faz parte do pensamento do autor o entendimento de que é no momento da morte que o homem se mostra ao mundo. As atitudes do homem diante do fim da vida mostram suas diferenças em relação aos outros seres vivos. De acordo com o autor (1988, p. 16-17):

A morte situa-se exatamente na charneira bioantropológica. É a característica mais humana, mais cultural, do *anthropos*. Mas se, nas suas atitudes e crenças perante a morte, o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos, é aí mesmo que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental. Não tanto o querer viver, o que é um pleonasma, mas o próprio sistema de viver.

As inferências de Morin (1988) e de Dastur (2002) nos levam a acionar o pensamento de que o homem se vê como tal com o conhecimento de sua condição de mortal. E que a morte é basal para o delineamento de toda a vida. Nesta seara, os pensamentos dos dois autores dialogam quando o assunto é a consciência da morte.

Ainda na discussão sobre a complexidade da morte e da importância de sua relação com os seres humanos, Chiavenato (1998) acentua que ela é um tema delicado e controverso para a humanidade. Morin (2005, p. 45), em suas reflexões sobre o assunto, demarca que é na finitude que ocorre a maior ruptura entre o espírito do homem e o mundo biológico: “Na morte, encontram-se, chocam-se, ligam-se o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito”.

O olhar das pessoas para a morte é um ponto que tem variações e que vai estar relacionado a diversas questões, como a sociedade, a localização geográfica, a cultura e o momento histórico em que se dá. E, como estamos argumentando que a temática é permeada por controvérsias, as visões são distintas, mesmo em uma mesma sociedade e em um mesmo tempo histórico. Loureiro (1998, p. 92) faz apontamentos sobre as diferenças que se manifestam nas formas de olhar para a finitude humana: “As

atitudes diante da morte dependem das relações que os homens mantinham uns com os outros e com a natureza, do seu apego a bens e de sua religião. No passar inexorável do tempo, as relações entre os homens modificam-se e as imagens que o homem faz da vida e da morte se diferenciam”.

No decorrer do processo histórico, as atitudes diante do fim da vida têm tido ressignificações e novos delineamentos; e os movimentos do homem diante da morte vão sendo transformados e o assunto tem sido alardeado entre os mais diversos públicos. Os meios de comunicação e as redes sociais são agentes importantes no contexto da propagação do tema. Na tentativa de entendimento acerca do consumo da morte nos meios de comunicação, Morin (1997) explica que o homem sacia os seus desejos de sadismo, que sofrem repressões pela ordem social, através da apreciação da finitude humana no espaço dos meios de comunicação. Os desejos de crueldade e os assassinatos reprimidos pela ordem social podem ser personificados através dos *fait divers* apresentados na mídia. De acordo com o pensamento de Morin (1997, p. 114):

À proliferação das violências imaginárias se acrescenta a vedetização das violências que explodem na periferia da vida cotidiana sob formas de acidentes, catástrofes, crimes. A imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os *faits variados*, isto é, para os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional.

No pensamento do autor, é através da cena midiática que o homem vivencia, com toda a segurança, a experiência da insegurança; presencia passivamente a guerra, vivencia passivamente a experiência do homicídio e sofre inofensivamente a experiência da morte. A violência na mídia não existe somente pela necessidade do homem de fazer a experiência do homicídio, mas pela sua necessidade de viver a morte, de conhecê-la: “Os grandes criminosos são, portanto, literalmente, os bodes expiatórios da coletividade” (Morin, 1997, p. 115).

No espaço dos meios de comunicação, diversas mortes são apresentadas. E para fazer parte da pauta jornalística de veículos de circulação nacional – como a Revista Veja, a morte, geralmente, tem que ter características próprias e singularidades, que atentem o olhar do público e que despertem o interesse dos espectadores. No caso da morte de Dona Marisa, por se tratar do falecimento de uma ex-primeira dama do Brasil, os meios de comunicação fizeram amplas coberturas ao fato. O tratamento do falecimento nos veículos de comunicação despertou olhares de diversos pesquisadores, como o de Sacramento, Machado e Negrini (2018). Eles analisaram a cobertura do Jornal Nacional à doença e à morte de Dona Marisa e relacionaram a morte à preservação da memória: “Entendemos que a morte de personalidades públicas é um momento para observar os modos como o jornalismo enquadra a memória coletiva ao narrar a vida a partir da morte” (Sacramento, Machado, Negrini, 2018, p. 127). Eles acrescentam: “A morte de famosos é uma oportunidade para se analisar os trabalhos de enquadramento da memória coletiva na narrativa sobre uma trajetória individual” (Sacramento, Machado, Negrini, 2018, p. 129). A partir das inferências dos autores sobre as relações da morte com enquadramentos de memória, vale destacar a importância da reflexão sobre a capa de Veja, edição 2530, de 17 de maio de 2017, que traz como destaque a morte de Dona Marisa Letícia.

A referida capa despertou diversas polêmicas na sociedade e o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva chegou a processar a revista pedindo indenização por danos morais. Uma reportagem da Folha de São Paulo, de Joelson Tavares (2019), publicada em 15 de março de 2018, destacou que a Justiça de São Paulo deu resposta negativa ao pedido de Lula de indenização contra a Revista Veja.

A morte e a política em Veja

A revista Veja começou sua distribuição em 1968, e tem como seus fundadores dois jornalistas: Roberto Civita e Mino Carta. Mino é atualmente diretor de redação da revista Carta Capital, que no cenário atual se apresenta como contrária à Veja. O jornalista pertenceu à revista Veja durante a década de 70, período ditatorial brasileiro, onde a revista sofreu diversas censuras pelo governo militar (Azevedo, 2017).

Veja é publicada pela editora Abril, fundada em 1950, e categoriza-se como a maior editora do segmento na América Latina, sendo responsável pela publicação de diversos títulos. O Grupo Abril é um dos maiores conglomerados de comunicação e distribuição da América Latina. Ele contempla não apenas a editora, mas outras empresas e holdings das áreas de mídia, gráfica, distribuição e logística (Grupo Abril, 2018). De acordo com De Lima (2001), a concentração de propriedade, com ênfase no setor de comunicações, é consequência da convergência tecnológica ocasionada pela globalização contemporânea, processo que, além de fazer com que poucas e grandes empresas tomem ainda mais destaque, também age e traz consequências menos escancaradas, mas igualmente importantes. De Lima (2001, p. 95) cita duas delas:

a primeira é a fusão das diferentes políticas públicas – até então formuladas isoladamente para as áreas de telecomunicações, *mass media* e informática – em uma única política de comunicações; a segunda é a presença dos novos *global players* (conglomerados empresariais) e organismos internacionais [...] como poderosos atores na formulação dessa política de comunicações, em nível tanto nacional como internacional.

A revista Veja, apesar de abordar diversas editorias como esporte e educação, por exemplo, tem, como falado anteriormente, muitas de suas reportagens especiais e de capa voltada à política, consolidando-se no cenário de veículos de comunicação do país como uma revista que tem na sua essência a abordagem política e sendo reconhecida por isso. Em relação às coberturas de Veja a temas políticos, cabe salientar as discussões de Cappellari e Negrini (2016) em relação à revista e ao campo da política:

A Revista Veja possui um vasto retrospecto de coberturas sobre escândalos políticos desde a década de 80. Além das matérias e reportagens especiais, as capas de Veja são também alvo de muita polêmica. O motivo é que comumente apresentam conteúdos e textos com revelações e exclusividades, e em alguns casos, ainda não apurados. Como é o caso da edição em questão (Cappellari; Negrini, 2016, p. 20).

Elas ainda apontam que no momento da redação do texto – 2016 –, o Brasil se encontrava em um momento complexo na política, repleto de denúncias envolvendo corrupção e que é obrigação dos veículos fazerem coberturas jornalísticas de forma ampla e isenta. Elas ainda falam sobre o poder no campo da política:

A política é formada por um campo de disputas. Entre elas, se destacam a disputas por força e poder. Assim, o campo do jornalismo político também se constitui em um cenário de embates, de forma que com o passar do tempo avançam os interesses dos veículos de comunicação em noticiar com exclusividade e rapidez (Cappellari; Negrini, 2016, p. 30-31).

Cabe salientar ainda que a temática política acaba por não aparecer e ser debatida apenas nas pautas pertencentes a esta editoria, ela, como sabemos, está presente em todos os outros setores da sociedade e acaba por ser trazida à tona também nas matérias das demais editorias.

Reflexões sobre semiótica

Para a realização da análise e a fim de atingirmos os objetivos apontados acima, consideramos que se faz necessária a utilização de uma abordagem a partir da semiótica, tendo como base para tal os conceitos estabelecidos e elucidados por Eco (1991). De maneira geral, entendemos a semiótica, de acordo com Candello e Hildebrand (2007, s/p), como uma teoria que “refere-se ao estudo do raciocínio correto, que ajuda a agir razoavelmente, especialmente através do autocontrole crítico, que o pensamento lógico auxilia a desenvolver através dos signos”, assim, ao longo da análise a seguir, buscaremos desvendar e compreender os signos presentes na capa e na imagem principal da reportagem de capa da revista Veja, edição 2530, sobre a morte de Dona Marisa Letícia. Vamos recorrer à semiótica peirciana, que é caracterizada por Lúcia Santaella (2004, p. 2):

A semiótica é uma das disciplinas que fazem parte da ampla arquitetura filosófica de Peirce. Essa arquitetura está alicerçada na fenomenologia, uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido etc., enfim, tudo o que se apresenta à mente. Essa quase-ciência fornece as fundações para três ciências normativas: estética, ética e lógica.

Bacha (1997, p. 18) convoca Santaella para dar informações e caracterizar a semiótica peirciana: “Segundo Santaella, a Semiótica está colocada bem no coração do conjunto da obra de Peirce. A Semiótica Peirciana não é uma ciência teórica nem uma ciência aplicada, é uma ciência formal e abstrata, num nível de generalidade ímpar”.

Para Santaella (2003, p. 13), é foco da semiótica a análise de todas as linguagens possíveis. “tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. A autora ainda acrescenta que o campo de investigação da semiótica é muito amplo.

De acordo com o pensamento de Santaella (2004, p. 5), a teoria semiótica permite que tenhamos a penetração nos movimentos contidos em uma mensagem, nos modos em que elas têm o seu engendramento e nos procedimentos e recursos que nelas se mostram. A autora acrescenta sobre a semiótica:

Permite-nos também captar seus valores de referencialidade não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido, pois em nosso processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz (Santaella, 2004, p. 5).

Para organizar e agilizar o processo de análise, iremos realizar uma adaptação da metodologia proposta por Candello e Hildebrand (2007), que tem como bases a semiótica peirciana, adequando as características do método, criado para utilização em revistas digitais, às peculiaridades da revista impressa. Entendemos que mesmo que o olhar de Candello e Hildebrand (2007) tenha sido voltado para as revistas digitais, ele pode ser adaptado para reflexões sobre revistas impressas e pode dar suporte para a realização de análises e de reflexões propostas nestes estudo.

Os autores propõem em sua metodologia, uma abordagem dividida em três etapas, como é característico da semiótica peirciana. A primeira consiste na análise do signo como qualidade, relacionada à primeiridade⁴ e aos elementos qualitativos. A segunda, relacionada com a secundidade⁵, vê o signo como existente e trabalha com os seus elementos relacionais, ou seja, as conexões e interações dele e com ele. Já a terceira etapa, ligada à terceiridade⁶, busca compreender a generalidade do signo de acordo com seus elementos internalizados (Candello; Hildebrand, 2007). Os autores ainda explicam:

Uma das riquezas da Teoria de Peirce é a visão generalista e lógica de organização dos signos. No entanto, as especificidades de cada linguagem, nesse caso as cores, as formas, as animações, os sons dos signos digitais, a funcionalidade, a navegabilidade, a usabilidade das interfaces criadas devem ser profundamente analisadas, pois aí também se encontram os elementos significantes e os significados que irão permitir a compreensão do signo em sua totalidade (Candello; Hildebrand, 2007, s/p).

É justamente neste ponto que estabelecemos nossa visão particular em relação à metodologia, adaptando-a para a aplicação em análises de revistas impressas. As especificidades como cores e formas serão utilizadas por nós, já as demais particularidades do meio virtual serão substituídas por

⁴ Sergio Mari Junior (2018, s/p) caracteriza primeiridade como “aquilo que é sem referência a nada mais. Qualidade perceptiva ou sensação. Por exemplo, a qualidade absoluta de uma cor, a brancura, a azulidade, sem remeter a uma comparação ou a outros sentimentos. Tal percepção não pode ser pensada, explicada ou afirmada, pois isso a secundarizaria”.

⁵ Mari Junior (2018, s/p) aponta secundidade como “aquilo que é por causa de um outro. Envolve reação, resposta. Um fenômeno que existe provocado por algo. Corresponde a percepção dos fatos, do fato atual. É a constatação da origem ou do motivo de uma sensação”.

⁶ Terceiridade, de acordo com Mari Junior (2018, s/p), é “aquilo que é em lugar de um outro. É a representação. Uma coisa representando outra. É o pensamento em signos. Diz respeito à percepção de regras, leis, que regem os fenômenos, permitindo generalizar sua compreensão”.

outras, tais como: escolha de fontes, disposição gráfica de textos e imagens, planejamento gráfico relacionado à localização de títulos, subtítulos e corpo do texto, dentre outras.

Então, se vamos nos utilizar dos signos ao longo de toda a análise, se faz necessário que conceituemos, de acordo com Peirce, ainda que de maneira bastante breve, algumas noções imprescindíveis ao estudo destes. É importante registrar que aqui, de acordo com as teorias semióticas de Charles Peirce (1839-1914), entendemos o signo como sendo a unidade semiótica, o objeto de estudo da teoria. Peirce (2000, p. 46) define signo como:

Um signo, ou representamen, é aquilo que sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei fundamento do representamen. “Idéia” deve aqui ser entendida num certo sentido platônico, muito comum ao falar cotidiano; refiro-me àquele sentido em que dizemos que um homem pegou a idéia de um outro homem; em que, quando um homem relembra que estava pensando anteriormente, relembra a mesma idéia (Peirce, 2000, p. 46).

E ainda, de acordo com Hermes (2006, p. 113), observamos que o “signo constitui-se na relação triádica entre o representamen (o signo em si), o objeto e o interpretante”, ou seja, ele é composto por esta tríade, sendo o representamen o próprio signo em questão, o objeto o que de fato ele é, e o interpretante a visão do sujeito sobre ele.

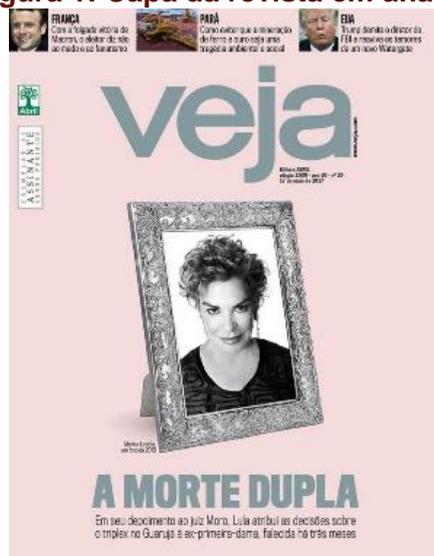
Os signos também se dividem em três tipos, sendo eles o ícone, o índice e o símbolo, tríade que, segundo Hermes (2006), é a mais conhecida forma de classificação peirciana sobre os signos. Sendo ícone algo que remeta ao objeto, como uma ilustração ou uma foto, índice algo que tem algum tipo de relação com o objeto, mas não é o próprio (como a fumaça é para o fogo), e símbolo uma convenção associada ao objeto (como uma placa de trânsito, por exemplo).

Olhares analíticos

A revista em análise e, mais especificamente, suas imagens, possuem diversos elementos que remetem e passam sentidos, de maneira que a análise semiótica parece ser não apenas cabível mas, também, importante neste caso para que percebamos ainda mais os sentidos transmitidos pela revista.

Para fins de melhor organização e desenvolvimento do trabalho, realizaremos a análise em etapas, sendo feita primeiro a análise da capa da edição (figura 1) e posteriormente da imagem principal presente no miolo, junto à matéria. Posteriormente, caso seja necessário, serão elencadas e comparadas semelhanças entre os sentidos produzidos em cada uma das partes supracitadas.

Figura 1: Capa da revista em análise



Fonte: Revista Veja (2017b).

A começar pelos elementos de primeiridade na capa da revista, observamos em destaque, no centro da página, um porta retrato prateado com a foto de Marisa Letícia em preto e branco, o fundo que ocupa toda a página é de uma cor cinza claro, levemente tendendo para o rosa, as letras tanto do logo da revista quanto da chamada para a matéria são de cor verde menta, que, conforme o fundo também não se destacam muito. Existe bastante espaço vazio na capa em análise.

Quando nos aprofundamos mais em cada um dos elementos aqui citados em relação à capa (e desta forma passamos então à secundidade), percebemos detalhes mais específicos destes. O porta retrato, que é colocado como elemento principal e centralizado na capa, tem entalhes e arabescos no mesmo tom, remetendo à ideia de distinção e dando um ar antiquado e de certa forma sombrio, remetendo às pompas fúnebres.

Na foto, Dona Marisa Letícia, além de aparecer em preto e branco, como já foi comentado acima, está maquiada, com os cabelos delicadamente arrumados, usando brincos longos e que aparentam ter pedras. A roupa da ex-primeira dama, ao que se pode perceber pela foto, é escura e de tecido encorpado, com detalhes em tule e renda, elementos que trazem também a ideia de luxo e distinção. A expressão e o semblante de Marisa Letícia na foto apresentada conferem um ar de mistério e dúvida, a se ver pelo posicionamento do rosto que olha para a câmera por cima dos olhos, o discreto sorriso com a boca fechada, levemente inclinada para um dos lados também contribui para tal ideia.

A cores de fundo e das letras principais compõem, junto aos tons de cinza do porta-retrato, uma paleta de cores pálida e sóbria, que conta com poucos destaques ou elementos chamativos, mantendo as mesmas nuances de tom e assim se tornando amena aos olhos do leitor.

Ao partirmos à terceiridade, muitos sentidos são produzidos pelos elementos elencados acima, de forma que eles conversam entre si e controem, de certa forma, um sentido dominante, que, como veremos será mantido também no miolo da revista, na matéria em questão. É possível perceber que os elementos convergem à uma noção que muito se aproxima do título da matéria: “A morte dupla”. Não

apenas o porta-retrato remete às pompas fúnebres, como observamos acima, mas também a composição de cores e todo o posicionamento e elementos da foto compõem este cenário.

Neste caso, a revista coloca a morte não como uma tragédia ou um mero evento a ser explorado, mas trabalha, desde a capa com o lado sombrio e misterioso da morte, trazendo detalhes e características que remetem a isso muitas vezes sem que o leitor perceba diretamente logo no primeiro olhar. As cores, apesar de não serem em sua totalidade tons de preto e cinza, são sóbrias e neutras, quase “desmaiadas”, pálidas e frias, tons que não apenas fazem com que os olhares se voltem ao objeto principal (o porta-retrato), mas que também contribuem para a ideia de mistério da morte.

Este mistério é ainda mais evidenciado pela foto escolhida para compor a capa, nela, Marisa Letícia, como foi falado acima, tem um ar também misterioso e duvidoso. A escolha por utilizar a imagem em preto e branco contribui para esta ideia, que junto aos elementos do porta-retrato, constroem uma imagem de luxo e distinção completamente carregada pelo mistério da morte, remetendo às pompas fúnebres e misteriosas, sentindo que será desenrolado ao longo da matéria, no interior da revista.

Na página 46 da revista encontramos o início da matéria em questão, estendendo-se até a página 51. Nas duas primeiras páginas, podemos notá-las cobertas praticamente em sua totalidade por uma foto: Marisa Letícia e Lula abraçados (figura 2). Sem muitas análises, é possível perceber que consideramos que se tratam de duas fotos capturadas de ângulos diferentes, no entanto, é um espelho presente em uma das paredes que nos proporciona esta percepção.

Figura 2: Imagem principal da matéria



Fonte: Revista Veja (2017b).

Ainda na primeiridade, vemos Marisa vestindo um blazer vermelho de zíper, com unhas combinando no mesmo tom e brincos de pedra brilhantes e Lula trajando um terno cinza elegante, mas que não chama muito atenção, no peito do ex-presidente um *pin* com a bandeira do Brasil destaca-se.

Ao fundo do casal, uma parede requintada coberta por um papel de parede estampado de flores e ramos com fundo bege e detalhes em verde e vermelho, fixado na parede, acima do casal, é possível observar um candelabro dourado e arabescado com três lâmpadas dispostas, toda esta composição remete à algo pomposo e antigo.

No chão da sala em que se encontra o casal, podemos observar, através do reflexo do espelho, um tapete também estampado, desta vez com estampa geométrica e, também, em tons de vermelho e bege. Tanto a própria presença do tapete, como também seus detalhes conferem ar de solenidade e luxo à composição.

Ao partirmos para a secundidade, observamos que a presença do reflexo do espelho na foto tornou possível que o casal fosse analisado em mais detalhes e profundidade. O semblante e expressão do casal também é passível de análise, o ex-presidente aparece de olhos fechados e com leve sorriso, tocando a testa na testa da esposa e abraçando-a, com ar de ternura, uma postura amorosa e que remete à intimidade e cumplicidade. Marisa, por sua vez, está com os braços postos aos lado do corpo, com os olhos abertos, olhando para o marido, um sorriso também é esboçado pela mulher, que parece dirigir a Lula.

Em letras grandes e em cor branca, postas em cima da foto em questão, é possível ler, em caixa alta: “*Cherchez la femme*” e abaixo “Em depoimento, Lula atribui as decisões do triplex à falecida esposa e parece sugerir, como nas histórias francesas, que a chave dos mistérios é a mulher”, ainda abaixo desta linha de apoio constam os nomes dos jornalistas que produziram a matéria.

O branco ressalta bastante e chama a atenção logo ao abrirmos a revista na página em questão, a fonte robusta e em itálico contribuem para este processo. Como no restante da foto não são encontrados muitos elementos brancos (ao contrário, a paleta de cores da imagem é bastante escura), os dizeres acabam se sobressaindo ainda mais.

Ao chegarmos à terceiridade, outros aspectos evidenciam-se através daquilo que já foi percebido nas outras duas instâncias. É possível perceber que a exploração dos dois ângulos na foto (o real e o virtual, produzido pelo reflexo do espelho), além de proporcionarem uma maior possibilidade de visualização da cena, também remetem à ideia de dualidade e continuam reforçando o mistério já presente na capa da edição.

O posicionamento de corpo de Marisa Letícia em comparação com o de Lula, mostra a mulher mais contida, enquanto o ex-presidente a abraça de olhos fechados. O olhar de Marisa também remete à dualidade e mistério nesse caso, pois ela observa o companheiro enquanto este parece, de certa forma, desprotegido. Ainda, a cor utilizada pela ex primeira dama em sua roupa, esmalte e batom, chama a atenção e destaca-se dos tons terrosos e sóbrios do restante da imagem.

Percebemos, então, que tanto a capa da revista quanto a principal imagem que ilustra a matéria trazem um ar de mistério e suspense, que de todo combina com o tema abordado ao longo do texto: o depoimento de Lula sobre o triplex e como o ex-presidente abordou a esposa, na época já falecida. Ao trazer Marisa Letícia, já falecida, como figura principal de uma matéria em que na verdade o

personagem principal é seu marido, a revista acaba por desenvolver toda a sua narrativa em volta não apenas da ex-primeira dama, mas de sua morte, explorando todo este campo.

A capa constrói o início da narrativa trazendo, em traços minimalistas, aquilo que será desenvolvido também durante a matéria em si: a morte de Marisa Letícia e a reafirmação desta como algo misterioso, sombrio e desconhecido, que abriga segredos.

Considerações finais

Através das análises realizadas ao longo deste trabalhos e das reflexões teóricas feitas no mesmo, é possível que compreendamos, através da semiótica, não apenas como as imagens e a composição destas produzem sentidos e trazem significados em si mesmas, mas também a importância do fotojornalismo e da diagramação na produção de sentidos de uma revista.

Abrem-se reflexões sobre como a revista explorou esta dualidade na intimidade do casal, que aparentemente vivia uma relação normal, mas que com a morte de Marisa Letícia, outros sentidos e possibilidades foram revelados (principalmente através do discurso de Lula ao juiz Sérgio Moro, sobre o triplex). A revista Veja, na edição analisada, explorou justamente esta relação e a probabilidade de haver algo por trás da mesma.

Além desta exploração que surgiu apartir do depoimento do ex-presidente, a revista explorou não apenas o perfil de Marisa Letícia (sendo ela a capa da revista e a personagem em destaque na foto do miolo), mas também o fato da morte dela e o impacto que esta teve em todo o processo. Como foi falado, tanto na capa, que ressaltou a ideia das pompas fúnebres e do mistério da morte, quanto na foto do miolo da revista, que reforçou a ideia de mistério e de que este poderia estar presente desde antes da morte da ex-primeira dama, a revista construiu seu discurso (imagético, ao menos) em volta de como o ex-presidente abordou a figura da mulher em seu depoimento à Moro.

Desta forma, compreendemos na utilização da figura de Marisa Letícia como foco principal uma tentativa de abordar a pauta através de outro viés que não apenas o que trata diretamente do depoimento do ex-presidente Lula. A utilização da morte como ponto principal torna a matéria ainda mais chamativa, pois instiga, através dos recursos imagéticos analisados aqui, a curiosidade do leitor em respeito não apenas a pauta em si mas também à interligação da morte da ex-primeira dama com o caso.

Referências

AZEVEDO, Reinaldo. *Veja 7 – Nos tempos da censura. Veja*. 22 fev. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2YwiWfC>>. Acesso em: 23 out. 2018.

BACHA, Maria de Lourdes. *A teoria da investigação de C.S. Peirce*. 186f. Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1997.

BRASIL. Sérgio Moro. *Ministério da Justiça e Segurança Pública*. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2xsBe6m>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe; MOTA, Fernanda Ferreira. Mídia, eleições e pesquisa de opinião no Brasil (1989-2010): um mapeamento da presença das pesquisas na cobertura eleitoral. *Revista Compólitica*, n. 1, v. 1, p. 67-90, mar./abr. 2011.

- CANDELLO, Heloisa Caroline de Souza Pereira; HILDEBRAND, Hermes Renato. Metodologia de análise semiótica aplicada a publicações digitais. Congresso Internacional de Pesquisa em Design. In: Anais do Congresso Internacional de Pesquisa em Design Dourados: GPESD/UEMS, 2007, s/p.
- CAPPELLARI, Thuanny. *Análise da reportagem de capa da revista Veja Edição 2.397 de 29 de outubro de 2014*. 57f. Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015.
- CAPPELLARI, Thuanny; NEGRINI, Michele. Petrolão: capa da revista Veja Edição 2397 de 29 de outubro de 2014 e a imagem de Dilma e Lula. *Leituras do Jornalismo*, n. 6, v. 2, p. 17-33, jul./dez. 2016.
- CHIAVENATO, José Júlio. *A morte: uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998.
- DASTUR, Françoise. *A morte: ensaio sobre a finitude*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- DE LIMA, Venício Artur. *Mídia, teoria e política*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- DIAS, Bibiane de Moraes; NEGRINI, Michele. Morte e mistério: uma reflexão imagética sobre a capa e reportagem de capa da edição 2350 da Revista Veja. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. *Anais...* Porto Alegre, 2019.
- ECO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- G1. Depoimento de Lula a Moro: veja todos os vídeos e os principais pontos. *Globo*. 10 maio 2017. Disponível em: <<https://glo.bo/3aWLRG5>> Acesso em: 21 abr. 2020.
- GRUPO ABRIL. Quem somos. *Grupo Abril*. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3fjluT9>>. Acesso em: 23 out. 2018.
- HERMES, Gilmar. Da história da arte para as mídias. *Fronteiras-estudos midiáticos*, v. 8, n. 2, p. 112-122, 2006.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.
- MARI JUNIOR, Sergio. Semiótica Peirciana – resumo. *Infonauta*. 14 ago. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2YroY1f>>. Acesso em: 21 abr. 2020.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- NEGRINI, Michele. *A morte em horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro*. 248f. Doutorado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- SACRAMENTO, Igor; MACHADO, Izamara Bastos; NEGRINI, Michele. A morte de Dona Marisa Letícia: o biográfico e os trabalhos da memória no Jornal Nacional. *Contracampo*, v. 37, n. 3, p. 126-148, dez./2018 mar./2019.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- TAVARES, Joelmir. Lula perde ação contra revista Veja por capa sobre Marisa. *Folha de São Paulo*. 15 mar. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2zMVz7d>>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2012.
- VEJA. Como Veja Começou a Investigação sobre o Mensalão. *Veja*. 12 jul. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2y0ZFrU>>. Acesso em: 12 jul. 2015.
- VEJA. Veja como foi o dia do depoimento de Lula a Moro em Curitiba. *Veja*. 10 maio 2017a. Disponível em: <<https://bit.ly/2W00OaC>>. Acesso em: 27 fev. 2019.
- VEJA. A morte dupla. *Veja*. 17 maio 2017b. Disponível em: <<https://bit.ly/3c1juOp>>. Acesso em: 12 abr. 2020.